

3 DE FEVEREIRO 16H

Carnaval4

Inclusão social

REALIZAÇÃO
ZAGUT

**Adriana Vello.Agni Shakti.André
Serafim.Augusto Herkenhoff.Carlos
Hollanda.Cerise E.Conceição
Duraes.Deneir.Gilda Nogueira.Gringo
Carioca.Iraceia de Oliveira.Isabella
Marinho.Jaci Castro.Lando Faria.Liana
González.Luciana Dau.
Marcelo Veiga.Maria Cecilia Leão.Marilene
Nacaratti.MarQo Rocha.Marta
Bonimond.Paulo Mittelman.Pedro
Bento.Regina Moura.Renato
Shamá.Roberta Salgado.Sandra
Schechtman.Sergio Torres.Silvana
Nicolli.Sissi Kleuser.Teresinha Mazzei.
Victor Pereira.Vitoria Sztejnman.Zaba.**

ZAGUT

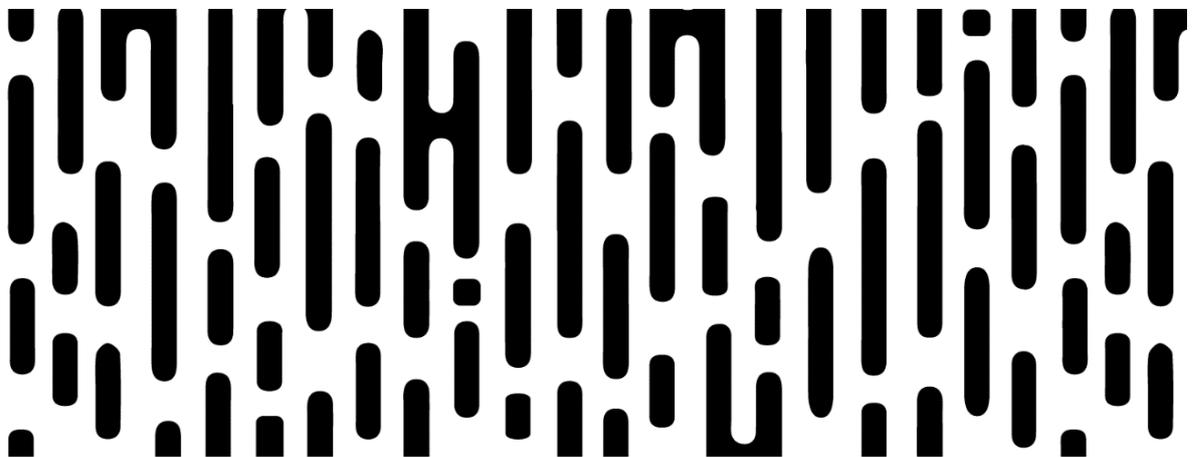
Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

Ensaio crítico: Carlos Taveira

Imagem da capa: Theo Gomes

Arquitetura da montagem: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff



CARNAVAL – INCLUSÃO SOCIAL

O carnaval carioca começou em 1893, há 131 anos do rancho carnavalesco Rei de Ouros, criado 4 anos após a República, de forma a criar uma cultura própria, diferente da matriz, da qual fora tão recentemente separada. A competição das escolas foi invenção de Mario Filho em 1932 (através de concurso de sua publicação Mundo Esportivo), e após 3 anos oficializado por Pedro Ernesto então prefeito, como estratégia de atração turística.

A elite econômica da cidade desfilando em carros abertos inspirados no carnaval romano, os grupos com autorizações policiais para desfilarem, seja entrudos, congadas (coroação do Chico Rei do Congo e da Rainha Jinga de Angola, misturando culturas africanas e católica, em época diferente das já habituais durante as festas dos Reis Magos e de Nossa Senhora do Rosario, que desde o Séc. XVII já ocorria em Pernambuco), cucumbis (base nas diversas culturas provenientes da África, que desfilavam com um grupo na frente, algumas vezes fantasiados de indígenas, uma rainha no centro, que atraíam muitos espectadores e que acabaram dando origem aos cordões, que inovaram com o baliza, que abria o grupo, assim como com os estandartes e que, por sua vez, deram origem a algumas escolas de samba), os Zé Pereiras (provavelmente inspirado na tradição do norte português, ainda forte em Minas e no Piauí, onde o maior curso do mundo leva seu nome).

O carnaval de rua carioca esteve morno durante vários anos, mas consta na lista de recordes mundiais em festas carnavalescas, com tamanho mais de cinco vezes maior que as escolas de samba, e a festa na cidade como a maior do mundo e a mais famosa.

Os bailes de máscaras, inspirados em festas da capital francesa, a criação das sociedades carnavalescas (no império fora criada a primeira, o Congresso das Summidades Carnavalescas, fundado entre outros por Jose de Alencar e tendo Pedro II como espectador), culminando no aparecimento de diversas outras, incluindo o tão atual e animado Club dos Democráticos, que existe em terras cariocas desde 1867, vão construindo o carnaval da cidade maravilhosa.

Desde 2013 é proibido vender áreas demarcadas na cidade, de forma a que o carnaval de rua não se elitize. A festa mais famosa do mundo é também democrática e com incrível interdisciplinaridade de temas nos blocos e escolas, que acolhem diversos diferentes estilos musicais em ritmo de samba.

Da obrigatoriedade de temas nacionalistas da era ditatorial Vargas, o contexto mudou para falar, de forma irreverente, de temas importantes, onde críticas sociais são lançadas, ideias para reflexão da sociedade, temas nevrálgicos fazem parte dessa festa, fazendo resistência.

Vitor Paiva, artista e jornalista, fez uma análise de momentos marcantes de luta nos desfiles. Em 1960 Fernando Pamplona pela primeira vez tratou de temas relacionados à população negra, contando Zumbi e a história quilombola, numa escola de samba, colocando escravos na avenida, com incrível briga para o título, que acabou sendo dividido pelas cinco escolas mais bem pontuadas, incluindo o Salgueiro. Só em 1966 se falou em divindade africana, Iemanjá, na festa, por Império e São Clemente. Críticas à ditadura começaram já em 1967, pelo Salgueiro, o Império em 69 com seus Heróis da Liberdade teve até os ensaios acompanhados pelo DOPS, que fizeram que se

trocasse na letra revolução por evolução. Só nos anos 80 foi possível novamente fazer críticas em enredos.

Macobeba, da Tijuca, simbolizando a contraposição do povo oprimido e do poder vigente, o mandando pra longe do país; o Cristo Redentor mendigo de Joãosinho Trinta, mesmo proibido, todo encapado, com a prece “olhai por nós”; o querido irmão do Henfil, Betinho, em 96 pelo Império, bradando para FHC que democracia e miséria são incompatíveis; em 2017 a Imperatriz coloca na avenida a injustiça contra as populações originárias, com tentativas ferrenhas de a calar pelos imundos políticos da mesma corja que agora fizeram com que o Marco Temporal não tenha sido aprovado; em 2018 a Tuiuti colocou a pedra da escravidão na nossa sociedade com o presidente vampiro a tiracolo e manifantoches; em 2018 a Mangueira se posicionou contra o único prefeito que não deu a chave ao Rei Momo e fez um corte importantíssimo de verbas para o carnaval, de forma a enfraquecer a festa.

Se a festa coloca as críticas em pratos limpos, é importante olhar para o Brasil e entender o longo caminho que o país tem para chegar a ser um país de inclusão e só então realmente democrático.

Há indicadores econômicos que vêm animando a praça: inflação do último ano semelhante à de anos atrás, desemprego menos que 8%, o que não se via desde 2014, notas de classificação de risco elevadas por agências internacionais, crescimento bem acima do esperado, quase 3%.

Em relação a 2022 diminuiu mais de 50% o desmatamento na Amazônia, apesar de ter aumentado no cerrado.

Apesar de terem melhorado no último ano, indicadores sociais continuam estarrecedores: no ano de 2022, eleitoral, houve uma redução para 31,5% de pessoas em situação de pobreza (antes 78 milhões, foi para 68) e 6% de extrema pobreza – menos de 200 reais por mês (de 19 milhões para quase 13), cujo menor patamar ocorreu em 2014, 31 e 5% respectivamente.

Para a resolução das abissais desigualdades históricas do país, é necessário que a melhora da economia ocorra de forma concomitante à da inclusão social. Indicadores educacionais pioraram muito em um passado recente, e deverá ser recuperado: entrada no ensino fundamental que já estivera 81% foi para 69%, crianças alfabetizadas de 60 fo para 40%, adultos sem educação obrigatória básica são 41% (média da OCDE é 20%).

Pesquisa em empresas brasileiras revela que 92% têm compromisso declarado com diversidade, equidade e inclusão, 96% têm uma instância para a realização desse compromisso. Mas a capacitação de lideranças ocorre apenas em 50%, só 24% publiciza a diferença de remunerações e só 7% publicam essas metas. Um terço acompanha cuidadosamente a contratação de pessoas negras.

O IBGE declarou que são mais de 18 milhões de pessoas com deficiência no país (9% da população). Serão estimulados a construção de indicadores relacionados à situação de pessoas idosas, LGBTQIA+, crianças e adolescentes, pessoas com deficiência, população em situação de rua, pessoas privadas de liberdade, vítimas de violações de direitos e violências diversas.

Quanto aos indicadores da fome, no relatório O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo 2023 (State of Food Security and Nutrition in the World (SOFI), de julho de 2023, da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), 21,1 milhões no país (10% da população)

estavam em situação de insegurança alimentar grave em 2022 (tinha sido 33% em 2021), regredindo a índices da década de 90. Esse índice era de menos de 2% entre 2014 e 16. Vem sendo construído um arcabouço legal para o combate à fome (Betinho!!!), de forma a que todo brasileiro coma três vezes ao dia até 2030 (o Brasil esteve fora do mapa da fome entre 2014 e 18):

Secretaria Extraordinária de Combate à Pobreza e à Fome, Plano Brasil Sem Fome, programas de vários ministérios - Plano Safra da Agricultura Familiar, Bolsa Verde, Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa Nacional de Cozinhas Solidárias, Programa Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana, Estratégia de Segurança Alimentar e Nutricional.

Carnaval é sonho! De um Brasil melhor, mais justo, sem fome, com emprego. Carnaval é luta! As obras aqui apresentadas promovem uma reflexão para a busca desse Brasil melhor!

Bibliografia:

<https://www.riodejaneiroaqui.com/carnaval/carnaval-grandes-sociedades.html>

<https://www.hypeness.com.br/2018/02/os-10-momentos-mais-politizados-da-historia-dos-desfiles-de-escolas-de-samba-do-rio/>

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2023/12/22/o-primeiro-ano-do-governo-lula-sob-analise.amp.htm>

<https://www.ethos.org.br/cedoc/pesquisa-ethos-epoca-de-diversidade-equidade-e-inclusao-avancos-e-desafios/>

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/julho/brasil-tem-18-6-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-indica-pesquisa-divulgada-pelo-ibge-e-mdhc>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-07/inseguranca-alimentar-atinge-70-milhoes-de-brasileiros>

<https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/em-2023-brasil-abraca-novamente-luta-contra-a-fome-e-expande-aco-es-de-combate-a-inseguranca-alimentar>

Sonhar não custa nada
O meu sonho é tão real
Mergulhei nessa magia
Era tudo que eu queria...
Mocidade de Padre Miguel - 1992

Carnaval - Carlos Taveira

O Carnaval é parte fundamental da cultura brasileira. Em cada localidade sua expressão possui nuances e características próprias dando representação a diversidade cultural do país. No Rio de Janeiro temos comumente o desfile das escolas de samba e outras possibilidades como o tradicional Carnaval de rua fornecem a face da festividade. A figura do folião vira o corpo do evento e a vontade de inventar ou “fazer de conta” a sua potência.

O Carnaval originalmente tem relação próxima com a religião. Tratava-se de uma festa que marcava o início do período da quaresma e que ao fim culminará na Páscoa. Em outras palavras, a festa da carne era parte da grande engrenagem que movia a paixão de Cristo, porém, se misturava com outras tradições populares.

No Carnaval a realidade é burlada em prol da criação. A fantasia não é uma armadura, mas também, uma abertura para outras realidades. A máscara revela, e não esconde. A sociedade faz da alegoria um instrumento de abertura de si, e de exposição da sua subjetividade. Assim como uma obra de arte é um portal para atravessamentos, no Carnaval os corpos, são protagonistas para novos mundos.

O trabalho do artista brasileiro Hélio Oiticica “Parangolé” é uma síntese entre vida e arte que tem inspiração, ou mesmo, uma contaminação do Carnaval. Como sabemos, o artista conviveu um tempo na comunidade da Mangueira e participou de desfiles da escola de samba. A sutileza de Hélio foi perceber a potência do corpo e a sensibilidade que uma fantasia pode ser criada e vestida a qualquer momento resultando no novo.

Dito isto, a exposição “Carnaval – inclusão social” promovida pela galeria Zagut coloca em diálogo as possibilidades infinitas de invenção do Carnaval, com as necessidades de aberturas possíveis de novas inclusões sociais. Historicamente, o Brasil possui uma das maiores desigualdades sociais do mundo e o Carnaval sempre foi, mesmo que durante um pequeno espaço de tempo, um momento de igualdade, em que o “faz de conta” tomava a realidade.

Bibliografia

NIETZSCHE, F.W. A origem da tragédia. São Paulo, Moraes, 1980.

Adriana Vello



The gold melted face; argila de papel e papietagem; 25 x 16 cm; 2024

Agni Shakti



Frenesi urbano - My Munch Chaos (tríptico); óleo s/ tela; 60 x 80 cm
Depois do isolamento, o que seria cotidiano é apavorante.

Andre Serafim



O jardim de Athor (tríptico); arte digital, impressão fine art; 35 x 45; tiragem única; 2023

Augusto Herkenhoff



Carmen Miranda; litografia 3 cores s/ papel 300 g.; 75 x 55 cm; tiragem 3; 2023

Carlos Hollanda



Afrodite Tropical; óleo s/ tela; 60 x 80 cm; 2024

Cerise E



Sem título; colagem digital, impressão fine art; 20 x 30 cm

Conceição Durães



Não tem pão come brioche; técnica mista: lápis e caneta s/ impressão em papel; 42 x 30 cm; tiragem única; 2024

Deneir



Carnaval do Deneir; recortes de alumínio e madeira pintados; 25 x 60 x 85 cm; 2023

Gilda Nogueira



Porta-bandeira; grafite, lápis de cor e adereço marabu sobre voil; 80 x 60 cm;
2024

Gringo Carioca



Alá lá ô (remix); arte digital, impressão fine art; 29 x 42 cm; tiragem 10; 2023

Iraceia Oliveira



Homenagem à Nara Leão; releitura de trabalho sobre Nara, colagem digital; 33 x 44 cm; tiragem 10; 2021

Isabella Marinho



Sem título; técnica mista s/ papel; 50 x 40 cm; 2017

Jaci Castro



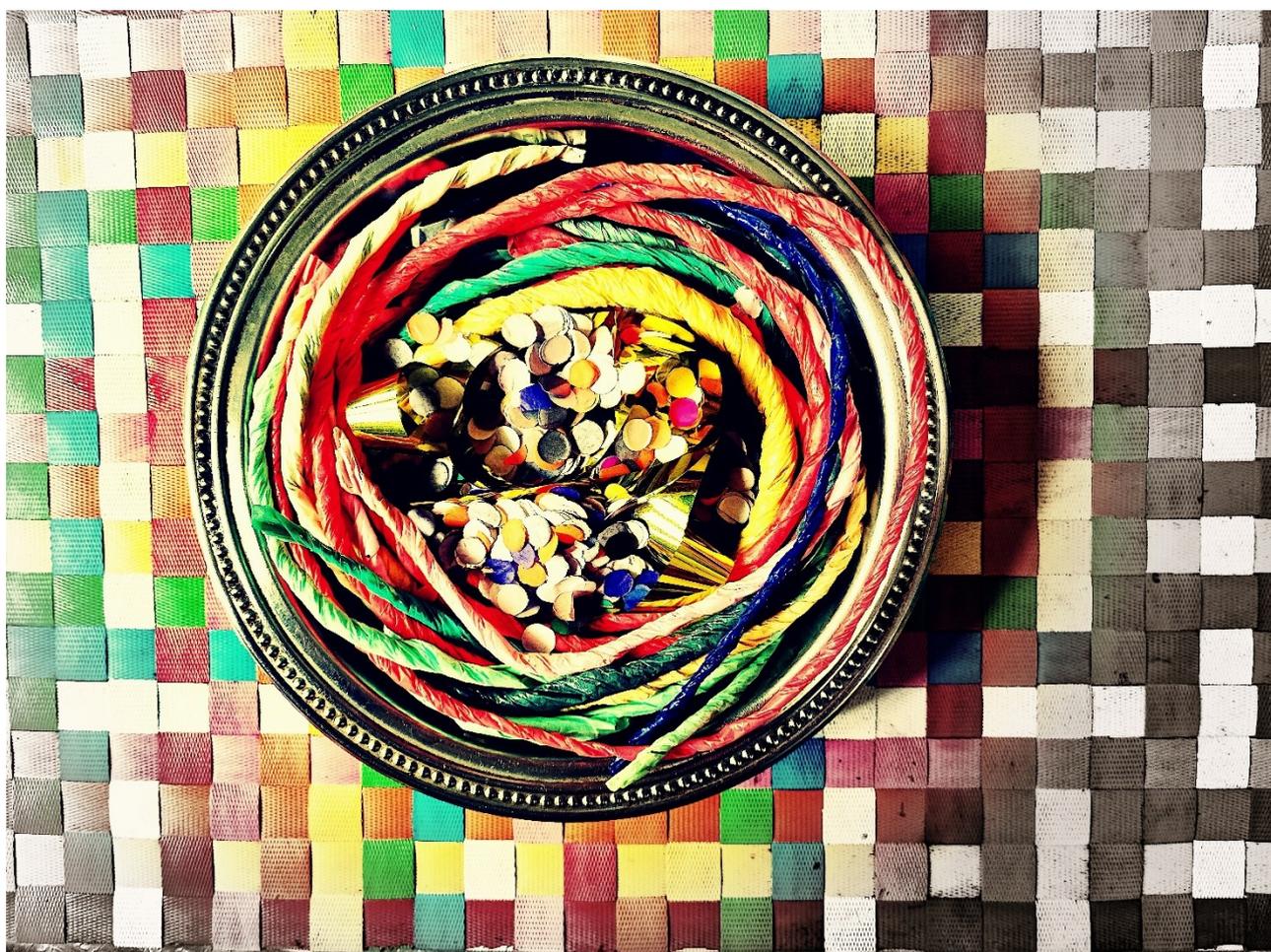
Carnaval sempre; acrílica s/ tela; 30 x 20 cm; 2024

Lando Faria



Sem título; fotografia, impressão fine art; tiragem 5; 60 x 60 cm; 2024

Liana Gonzalez



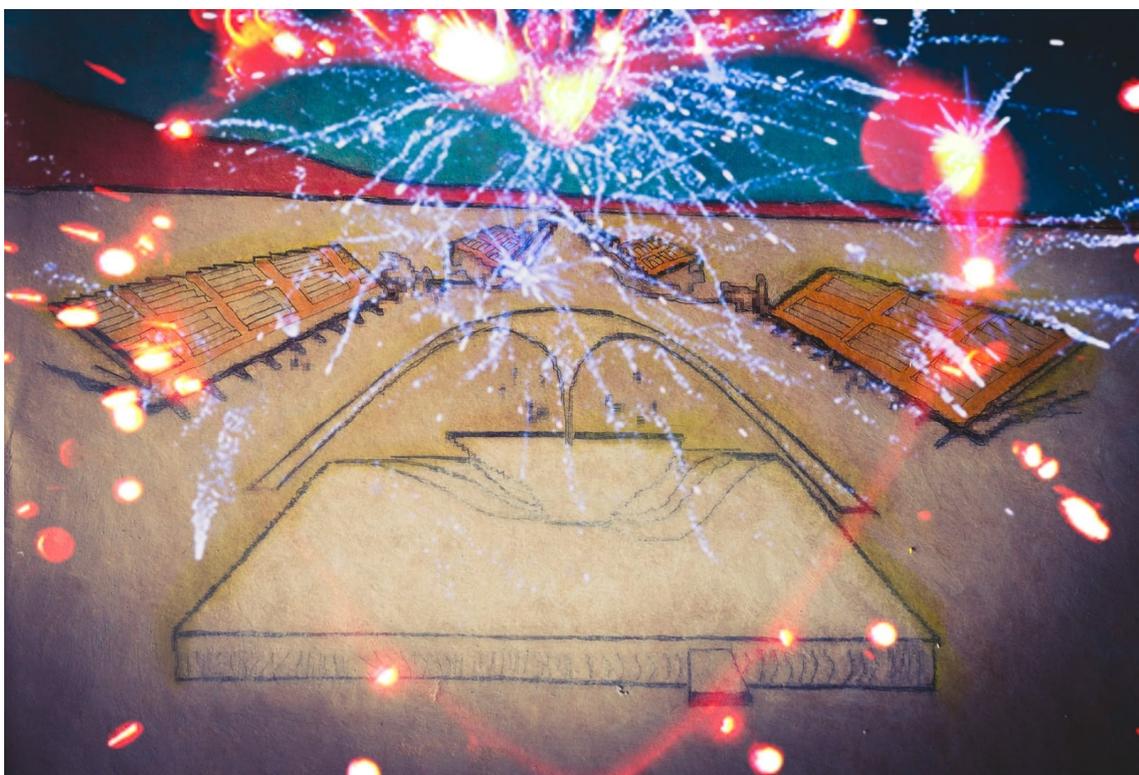
Comida, diversão e arte (inspiração Titãs); fotografia, impressão fine art;
tiragem 10; 40 x 60 cm; 2024

Luciana Dau



Grito de Carnaval: minha escola; guache s/ papel Canson; 29,7 x 42 cm; 2023

Marcelo Veiga



Folia para fazer sorrir; arte digital s/ técnica mista: desenho com lápis cera aquarelado e nanquim; 42 x 60 cm; tiragem 6; 2024

Maria Cecilia Leão



Reinventando-me 01 e 2 (autorretratos); fotografia digital, impressão Fine Art em papel Hahnemuhle PhotoRag Baryta 310 g/m²; tiragem :1/5; 40 x 30 cm; 2023

Marilene Nacaratti,



Arquibancada popular; fotografia digital, cor, manipulada, impressão com pigmentos minerais sobre papel Photo rag 308g, 100% algodão, moldura tipo caixa, vidro comum, adesivagem em foam board; 15 x 45 cm; 2012

MarQo Rocha



Pronto pra folia; acrílica s/ tela; 15 x 10 cm; 2020

Marta Bonimond



Barroco; técnica mista s/ tela; 30 x 40 cm; 2022

Paulo Mittelman



Maracatu-expressão 1; fotografia, impressão fine art em Papel fotográfico Luster 260g da Hahnemühle com tinta de pigmento mineral; tiragem 10; 60 x 80 cm; 2007

Pedro Bento



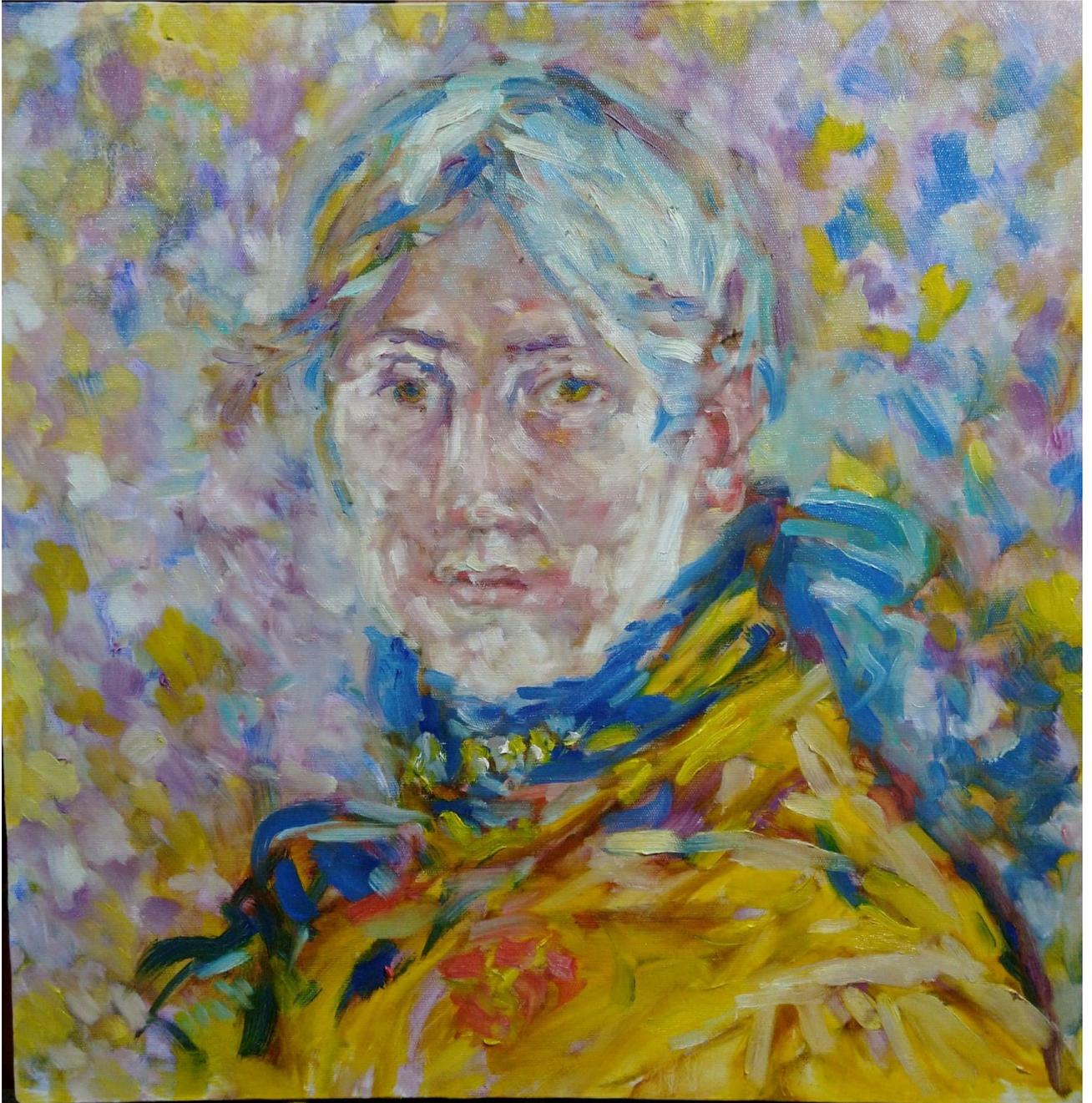
Desnuda; desenho s/ papel; 29 x 21 cm; 2024

Regina Moura



Vestindo a fantasia; Parangolé com impressão de desenho/pastel seco em sublimação e aviamentos diversos; 120 x 140 cm; 2024

Renato Shamá



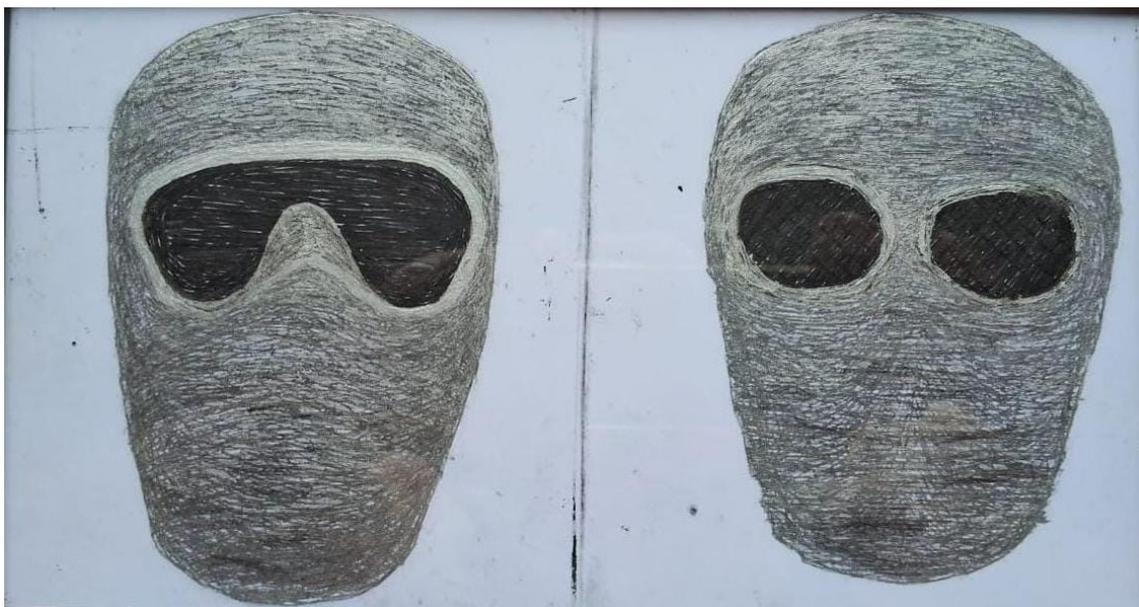
Retrato de Berthe Morisot (Releitura de Autorretrato de Berthe Morisot de 1885, artista impressionista); óleo s/ tela; 40 x 40 cm; 2021

Sandra Schechtman



Carnaval da inclusão; acrílica s/ tela; 50 x 60 cm; 2023

Sérgio Torres



É noix; desenhos; 27,5 x 16 cm cada; 2023

Silvana C. Nicolli



Jacarezinho News; grafite s/ papel manteiga, frotagem de composição elaborada a partir do desenho de fotografias jornalísticas coladas sobre parede; 59,4 x 42 cm; 2024

Sissi Kleuser



Ala da bonança; acrílica s/ tela; 86 x 62 cm; 2024

Teresinha Mazzei



Alegorias II, Série Diálogo das Linhas; arte digital s/ fotografia de fios de cabelos, impressão fine art s/ canvas; 40 x 60 cm; tiragem 10; fotografia 2016/arte 2024

Victor Hugo Pereira



António e a Quarta-Feira; acrílica e lápis s/ tela; 73 x 54 cm; 2024

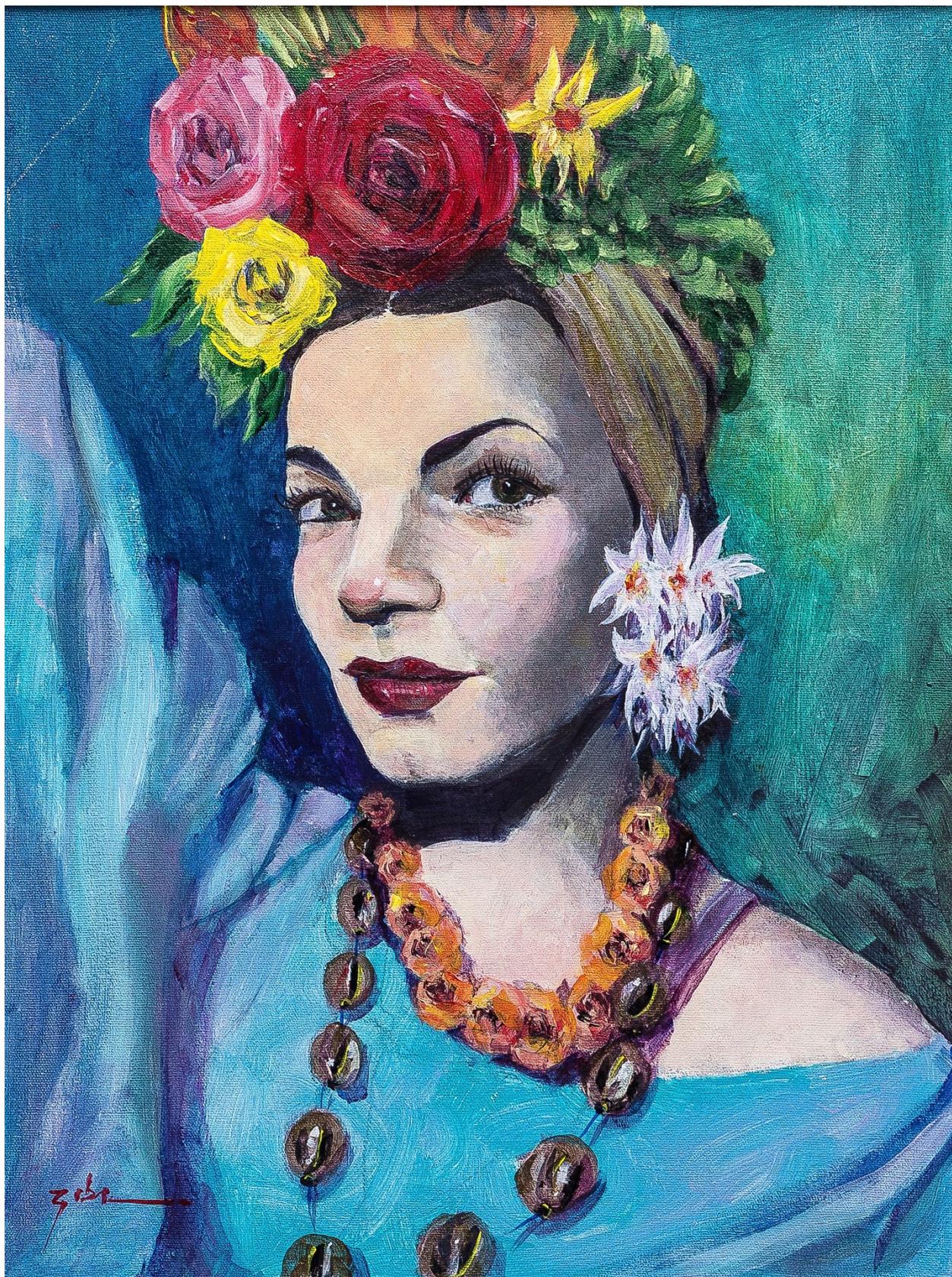
Inspirado no conto António (grafia portuguesa) de autoria do artista (Peças Intimas: memórias em várias vozes - edit. Patuá, 2023)

Vitoria Szejnman



City tour artístico carnavalesco; técnica mista: giz de cera pastel, pilot tinta
têmpera guache, s/ canvas; 60 x 80 cm; 2024

Zaba



Retrato de Carmen; acrílica s/ tela; 40 x 30 cm; 2018